

Introdução

De acordo com o nosso título, nos propomos a uma discussão em torno de um campo ainda muito recente. A linguística de Ferdinand de Saussure, formalizada nos primeiros anos do século XX, foi o esforço pioneiro no sentido de oferecer ao estudo da linguagem uma cientificidade até então inédita. Como todo saber que se pretende científico, a sua *ciência da linguagem* não deixou de se fundamentar em estruturas rígidas que lhe ofereciam o grau de formalização necessário. A rigidez do binarismo dicotômico próprio à linguística estrutural – por exemplo, *significante x significado, língua x fala* – torna-se uma formalização indispensável para a sua entrada no poderoso universo da ciência.

Entretanto, antes da ordenação científica da linguística saussuriana, tínhamos a *filologia* – ciência que se preocupava exclusivamente com o texto escrito, o que aliás era uma crítica de Saussure à prática dos filólogos. Apaixonada pela poeira dos livros clássicos, a filologia quase sempre dedicava-se a estudos comparativos, visitando a história dos idiomas e a evolução das línguas. O estudo do passado estava sempre pronto para determinar um modelo padrão e os desvios estruturais provocados pela passagem do tempo. Nietzsche, filólogo de formação, embrenhando-se pela trilha dos estudos clássicos, encontra na Grécia Antiga algo que a passagem dos séculos não deixou de sacrificar; porém, ao invés de tratar-se de um fenômeno exclusivo ao campo da filologia, o algo sacrificado é um modo específico de se relacionar com a vida.

A arte trágica da Grécia Antiga surge para o Nietzsche estudante de filologia como a simbolização de um processo vital: manifestação estética possibilitada pelos instintos artísticos da natureza. De acordo com a sua perspectiva, o simbolismo da tragédia grega oferece às pulsões inconscientes responsáveis pela vida um meio privilegiado de manifestação. A experiência trágica, ao simbolizar o devir cosmológico da existência, transforma os processos da natureza em fenômeno estético – modo através do qual as pulsões inconscientes e inestéticas da vida fazem-se linguagem. Para Nietzsche, a arte trágica dos gregos antigos é a mais alta manifestação do equilíbrio existencial entre o homem e a natureza.

Porém, tal modo de relação com a vida será desprezado pelo desenvolvimento da filosofia de Sócrates. A valorização socrática das virtudes do conhecimento e da consciência deslegitima a criação inconsciente e enfraquece a potência das pulsões. O homem, no caminho da razão, está distante do equilíbrio com a vida – preso nos limites da consciência, o homem racional nega para si o devir trágico do mundo. A vitalidade inconsciente da experiência trágica é desprezada, assim como o simbolismo pulsional da poesia e da música é domesticado; a potência estética de uma linguagem afim à dinâmica inconsciente da vida é, dessa forma, menosprezada diante da inteligência racional.

A evolução do elogio socrático à consciência, passando pelo registro escrito dos diálogos de Platão, é absorvida pelo nascente pensamento cristão. A partir desse momento, o simbolismo do inconsciente é aprisionado por uma lógica niilista: negado pelo monoteísmo-dialético próprio à atitude socrático-platônico-cristã, o caráter pulsional da vida é transmutado em erro, em falta, em pecado. Tal negatividade no que se refere às relações entre o inconsciente e a linguagem não deixará de se fazer presente na teorização lacaniana sobre o desejo na década de 1950, momento em que o inconsciente é estruturado negativamente por uma dialética própria ao significante – formulação propriamente niilista que Deleuze e Guattari se esforçam em ultrapassar retomando o devir trágico da linguagem presente no pensamento de Nietzsche.

Assim, no primeiro capítulo, trataremos inicialmente das investidas de Nietzsche pelo universo grego antigo com a finalidade de expor mais detalhadamente a sua proposta de um equilíbrio existencial entre o homem e os instintos artísticos da natureza possibilitado pela arte trágica – a vitalidade dos processos inconscientes e a sua manifestação enquanto linguagem. Em um segundo momento, faremos uso da denúncia nietzschiana no que se refere ao caráter negativo do socratismo e exporemos o mecanismo niilista que arquiteta a transmutação da filosofia socrática em denominação moral. Finalmente, a partir do cosmológico Zaratustra, mostraremos que não há formação niilista que não possa ser metamorfoseada pela atuação do devir trágico da linguagem.

No segundo capítulo, a teorização de Lacan formulada na década de 1950 será diagnosticada enquanto alegoria específica do pensamento socrático-platônico-cristão apresentado por Nietzsche e discutido no capítulo anterior. Um inconsciente estruturado pela ciência linguística de Ferdinand de Saussure e pela dialética de Hegel será interpretado

como um sintoma da negatividade reativa inerente a uma cultura niilista. A alienação do significante pelo Nome-do-Pai será aproximada do monoteísmo-dialético que fundamenta a lógica negativa da moralidade escrava identificada pela análise nietzschiana. O desejo articulado por um inconsciente estruturado metafisicamente, da mesma forma, será entendido enquanto força pulsional escravizada. Vale lembrar que a obra de Lacan a ser utilizada durante todo o capítulo estará circunscrita exclusivamente à primeira fase do seu pensamento, a saber, a década de 1950.

Por fim, no último capítulo, traremos à luz a crítica que Deleuze e Guattari desferem à paixão lacaniana pelo negativo para depois apresentarmos as relações entre inconsciente, linguagem e desejo formuladas posteriormente pela dupla. Na primeira parte desse capítulo, entretanto, será feita uma exposição das tentativas de contribuição com a psicanálise lacaniana feitas por Deleuze e Guattari ainda separadamente, cada um partindo do seu campo específico de atuação. Ambos não deixam de se interessar, em um primeiro momento, pelo que Lacan se esforçava em desenvolver. Porém, visto o enrijecimento teórico próprio à estrutura do lacanismo, Deleuze e Guattari abrem mão da disponibilidade em contribuir e, juntos, produzem um pensamento original e independente, potencialmente instruído pelo devir trágico da linguagem sempre presente na obra de Nietzsche.

Assim, veremos que o rigor formal utilizado por Saussure no momento de formular a estrutura da sua ciência linguística não deixou de seduzir Lacan, que também se achava na obrigação de conferir um caráter mais científico ao legado de Freud – esforço que faz com que o binarismo saussureano seja combinado à dialética de Hegel. Porém, ainda que sem a pretensão de estruturar um saber e afirmando a inseparabilidade entre as forças que motivam o humano e os processos da natureza, Nietzsche já estava pensando, no final do século XIX, nos problemas que a linguagem nos coloca. É através desse viés nietzschiano, portanto, que nos propomos a penetrar em um campo que acreditamos ainda pouco explorado, visto ser tradicionalmente dominado por formulações excessivamente antropocêntricas.